



Cá entre Nós

1ª EDIÇÃO - CAMPINAS, MARÇO DE 2018

Editorial

Colegas

Esta publicação foi criada por um grupo de estudos composto por professores /as que se reúnem quinzenalmente, no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

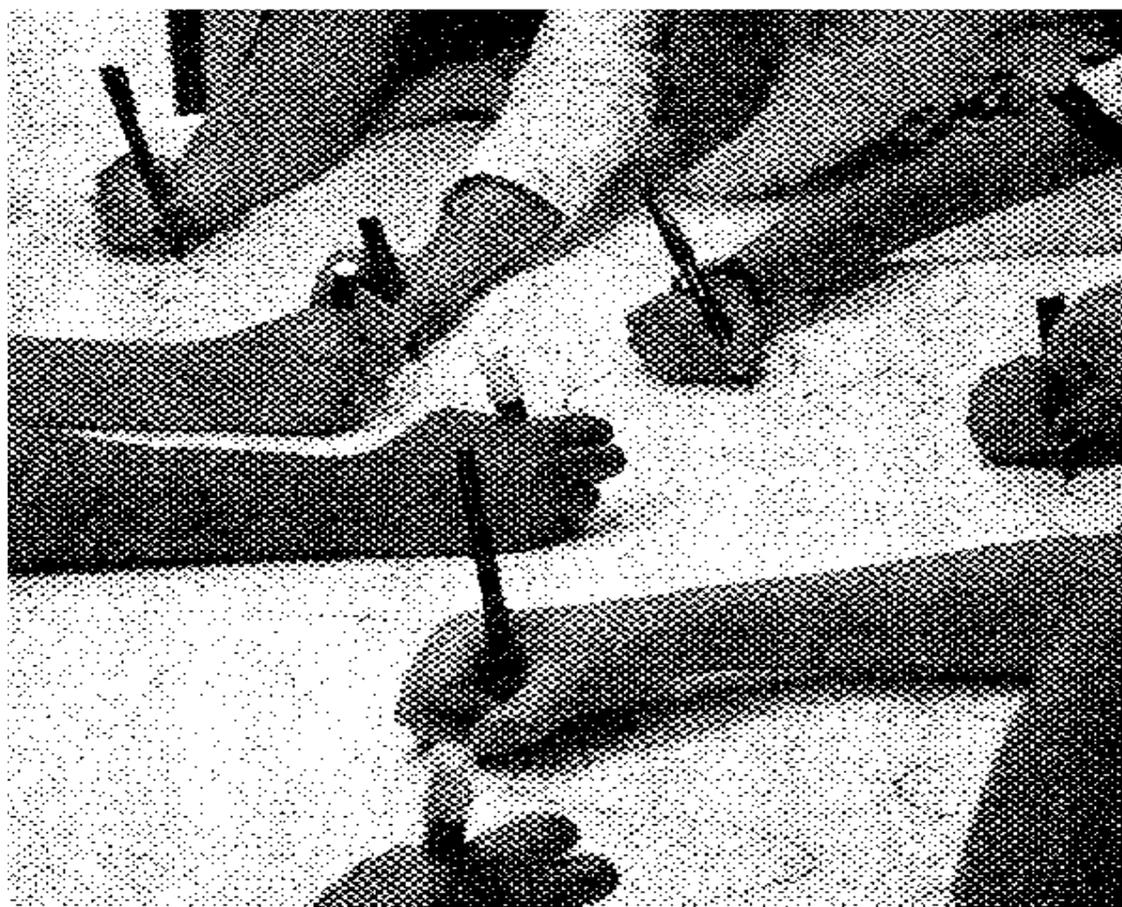
Somos estudiosos de autores da atualidade, que nos sustentam na defesa de uma escola para todos.

Em nossos encontros, o desafio é ir a fundo no entendimento da inclusão escolar, como um caminho sem volta para a educação brasileira e demais países que também a têm como mote.

Temos avançado bastante em nossos estudos e queremos compartilhar com outros/as colegas o que estamos aprendendo e compreendendo cada vez mais sobre a inclusão, como direito de todos na escola, na sociedade.

Nosso intuito com esta publicação é disseminar conhecimento e ampliar cada vez mais a nossa roda de discussões, chegando até onde você está, leitor/a, direta ou indiretamente interessado/a neste tema tão estimulante e atual.

Esperamos que vocês encontrem nas seções que compõem este jornal um espaço em que possamos nos encontrar e nos abrir, com toda a intimidade, com



aqueles/as que nelas escrevem. Que as dúvidas, curiosidades, indagações de todos nós possam ser tratados neste espaço com liberdade, confiança, espontaneidade que são próprias de quando estamos... cá entre nós. Sejam bem vindos/as a este primeiro de muitos números.

O Editor

Naquela 2ª feira...

Maria Teresa Eglér Mantoan

“Uma criança brincava na rua , em frente a uma escola de um bairro qualquer. Ficou lá por algum tempo, não

mais do que um menino que a observava da janela precisasse para se perguntar o que fazia aquela menina do lado de fora, em um dia de mau tempo, de chuvisco e rua molhada. O menino voltou para a carteira, mas logo se levantou e, desconfiado, quis saber se a menina ainda estava lá fora, em meio às poças d'água, sandália de dedos nos pés, vestido molhado. Então ele foi até Cândida, professora muito querida, e contou-lhe o que vira. Estaria a menina cabulando aula? Não pudera entrar por falta de uniforme? Esperava a mãe para voltar pra casa? Cândida correu à janela e a menina continuava lá, mas agora se protegendo debaixo da árvore grudada ao muro. Mais que depressa, a professora saiu ao encontro da pequena e entendeu o que Alcione aguardava do lado de fora da escola: um lugar para aprender e brincar com as outras

De fato, todas as crianças são bem-vindas à escola.

crianças. Cândida levou ao diretor da escola o pleito de Alcione e, daí em diante, o céu se abriu para aquela menina. Ou melhor, a escola abriu seus portões e a recebeu, conduzindo-a para o lugar de direito que lhe fora negado”.

Este foi o conteúdo de um e-mail que recebi faz algum tempo de uma pessoa que conheci em um evento e que nunca soube o quanto me trouxe de ânimo, otimismo, alegria e confiança na hospitalidade que encerra uma narrativa como tal. De fato, todas as crianças são bem vindas à escola.

Dei este título ao meu primeiro texto sobre inclusão escolar e mais tarde, quando me envolvi em estudos sobre o direito à educação, escrevi um outro texto, que denominei “O direito à diferença na igualdade de direitos”.

De lá para cá produzi livros, pesquisas, ampliei meus conhecimentos, sempre no sentido de (re)afirmar que é no sentido contido nesses dois títulos que se resume o mote de minha luta em favor de uma escola para todos.

Muitos me perguntam se a escola brasileira tem condições de universalizar a educação para todos; se os professores estão preparados para “essa inclusão” (como se existissem outras); se crianças como a Alcione, por exemplo, na situação atual da escola brasileira (que não consegue ensinar nem os alunos sem problemas), não seriam “excluídas, na inclusão”; se o governo não está economizando com a inclusão; se as escolas especiais não seriam o lugar mais adequado para a formação de alguns alunos, os “casos mais graves; se essa idéia não é fogo de palha e que tudo vai passar e voltar como era antes...

Tenho ouvido com atenção a todos os que se pronunciam contra a inclusão e discordam da idéia de uma escola para todos e, em alguns momentos, minha paciência se esgota. Eu me entristeço e me decepciono com os argumentos viciados, com as dificuldades e motivos aventados por tantos pais, professores, acadêmicos de áreas relacionadas à educação, formadores de professores, jornalistas especializados, políticos, autoridades de ensino, gestores para reconhecer na inclusão o compromisso básico do Estado de prover a educação, garantindo a incondicionalidade desse direito a todos os nossos cidadãos. E, em especial, aos jovens e crianças do ensino básico e obrigatório para todos.

Mas apesar das resistências e barreiras à inclusão, é reconfortante saber que crianças como Alcione estão tomando seus lugares nas turmas das escolas comuns e que diretores e professores como Leonardo cumprem com responsabilidade suas funções, segundo preceitos educacionais inclusivos. Nunca nos faltarão pessoas como essas, que protagonizam histórias de coragem amor e sabedoria, encaminhando as crianças

para as escolas e recebendo-as com admiração e respeito. Pessoas que enfrentam o desafio da diferença e consideram a importância de seu reconhecimento em todos os alunos para que a escola saia da de seus conformes, seus padrões e o ensino se qualifique, para assegurar a todos os alunos o que lhes compete como educadores: a formação de cidadãos, em escolas verdadeiramente democráticas.

Naquela segunda-feira, Alcione ela deixou a calçada e passou à sala de aula. Tudo o mais acontecerá a partir dessa passagem e todos terão a ganhar com esse fato novo na vida desta menina, de seus colegas e da escola.

Campinas, em 14 de setembro de 2011

Será que é isto que a escola faz?

Ayeres Brandão

Beto foi pela primeira vez a uma escola. Não existia pré-escola na sua cidade, a prefeitura estava fazendo uma experiência de implantar ali uma sala de pré-escola, isto é, uma sala antes do 1º ano do ano escolar. Convocou todas as crianças que tivessem a idade apropriada reuniu-os em uma sala do Grupo Escolar. (era assim o nome).

Todas elas vieram pelas mãos do pai, mãe ou irmão mais velho. Chegaram muito tímidas, coração batendo forte que ressoava pelo corpo todo, olhos baixos, sem deixar de espiar tudo que existia por ali.

Beto foi conduzido para se sentar numa carteira de madeira dura, alta, que deixava seus pés balançando, sem chegar ao chão. O diretor e uma professora, na frente da sala, explicavam que gostariam de abrir aquela sala para eles. Não chegavam a ser 20 crianças, todas

desconhecidas, uma vez que ele morava fora da região urbana.

Seu irmão que o trouxera, foi embora; o diretor saiu da sala e a professora risonha (parece ser boazinha... pensou ele) foi perguntando o nome de cada um. Ao falar os nomes as crianças diziam também porque ganharam tal nome. Beto tinha tido um tio com nome semelhante, que sumira com um circo que passara na cidade. Quantas vezes sonhara com este tio, lhe trazendo presentes e doces. Entretido com seus pensamentos, nem reparou que a professora escrevia os nomes numa lista vertical na lousa. Teve medo, pois não identificara ainda qual era seu nome.

Logo depois a professora pegou um livro grosso e disse-lhes que iria ler história

Quantas vezes sonhara com este tio, lhe trazendo presentes e doces.

para eles. Na verdade, seu pai já tinha lhe contado histórias, mas lido de um livro grosso como aquele, nunca.

Ao contar, a professora falava de lugares banhados de arco-íris, de estrelas que iluminavam florestas chuvosas; de fadas que transformavam flores em vagalumes; bruxas criavam cascatas de sucos e balanços de chocolates.

Estradas cobertas de ouro e esmeraldas; árvores que conversavam e pássaros que dançavam músicas encantadas. Beto estava assombrado, como um livro podia conter tudo aquilo, que a professora lia. Não podia ser verdade!

Entretido com coisas tão maravilhosas, nem percebeu que já era o final da aula, mas com muito receio foi até a mesa da professora, folheou um pouquinho o livro. Ela simpática consentiu com a

cabeça que ele podia continuar folheando...só havia, no entanto, rabiscos, folhas e folhas de rabiscos. Apesar do sorriso dado pela professora voltou chateado para sua carteira. Como ela fazia essa magia, será que era da cabeça dela? Havia um grande mistério: - como eu vejo rabiscos e ela tanta coisa bonita? Será que é isso que a escola faz?

Lavando as louças

Angélica Aparecida Alves Lourenço

Lavando a louça do jantar, enquanto esfrego e enxaguo pratos e talheres, minha mente se enche de ideias, pensamentos e reflexões. Pode parecer engraçado ou até mesmo estranho, mas essas atividades corriqueiras, como lavar as louças ou andar de ônibus, também são oportunidades de reflexão. São momentos em que me recordo do que aconteceu no dia, teço projetos de decoração para casa, idealizo viagens, planejo aulas e também penso nos alunos e nas conversas com os pais.

Certo dia desses, lavando a louça, um forte senso de urgência despertou-me para uma tarefa importante: escrever um texto direcionado a você, desafiando-o a pensar sobre suas práticas, ao invés de redigir conceitos prontos ou receitas de bolo. Minha tarefa era sugerir algo que o tocasse de alguma maneira. Afinal, quando escritas com verdade e boas intenções, as palavras possuem esse poder.

Pensei, pensei... O que pode tocar um professor? Tocar ou afetar, qual seria o mais adequado para a reflexão que pretendo propor? Para escrever um texto, as palavras também precisam ser bem

escolhidas e por isso optei por afetar, que me remete a afeto, a carinho, a sentimento e ao coração.

Depois, cogitei escrever sobre o filme “O Aluno”. Essa obra afetou-me, principalmente pela sua abordagem sobre o direito à educação e de estar na escola para aprender, compartilhar, sonhar e desejar algo novo. Escrever sobre um filme, porém, talvez não seja o suficiente.

Foi então que me lembrei da última reunião do grupo de estudo em que participo. É um grupo cheio de vida, responsável por desconstruir e construir saberes em mim. Falamos sobre experiência, entre outros assuntos. Nossas reuniões rendem muitos relatos pessoais, recordações e questionamentos.

Pensei, pensei... O que pode tocar um professor?

Foi após essas conversas que a palavra experiência ganhou um novo sentido para mim: o significado de descoberta. Isso por que Jorge Larrosa, cujo texto era tema de estudo da reunião, propõe pensar a educação como experiência, separada de experimento, prática ou dogmatismo. Experiência como algo que não se pode conceituar, muito próximo da palavra existência. Algo único, pois cada um tem a sua. Pensada a partir da paixão que nos movimenta e não da prática (ação) que reproduz o que foi dito. Experiência como um “modo de habitar o mundo de um ser que existe”, sente e saboreia as coisas internamente.

Parece perfeito, pois se todos existimos, todos podemos ter experiências. Mas infelizmente, descobri também que raramente vivemos nossa própria vida e

elaboramos experiências. O cotidiano nos atropela e seguimos a nossa vida como se nem nossa fosse. Isso acontece na educação, quando ficamos presos à rotina e ao currículo, justificando assim a nossa falta de experiências. Confesso ser um pouco assustador pensar sobre isso, principalmente quando julgamos ter o controle de tudo.

Essa recordação, da reunião no grupo de estudo, pareceu-me mais plausível e interessante para compartilhar com os professores. Com ela, fiz questionamentos sobre as experiências em sala de aula. O que pode ser a experiência na relação que tenho com meus alunos? O que pode ser a experiência na relação que você tem com seus alunos? O que pode significar reivindicar a experiência nessa relação? Por fim, pensei que ainda assim você pudesse ter as respostas para essas perguntas e assim meu texto não seria novidade. Respirei fundo e continuei lavando as louças, afinal só faltavam mais alguns garfos. Eu gosto de lavar as louças separando-as e seguindo a ordem: copos, pratos, vasilhas, panelas, colheres e, por último, os garfos.

Entre ensaboar e enxaguar um garfo e outro, refleti que o mais importante é deixar essas perguntas me conduzirem ao aluno, ou estudante, como prefiro chamar. Certa vez, aprendi que o significado da palavra aluno é “sem luz” e isso não me agradou. Perguntas como “Quem é o estudante na vida do professor? Ele é ouvido? Você ouve os estudantes? Conheci a história de cada um? Chama pelo nome? Você dialoga com eles, ou você debate e discute?”, perpassam o primeiro passo para reivindicar a experiência na relação professor e aluno.

A relação professor e aluno é um grande desafio, e você, professor, sabe disso. A sala de aula é um lugar tenso, conflituoso e complexo. Em nossas escolas o conteúdo é supervalorizado e esquece-se, por ora, que professores e estudantes levam para a sala valores, expectativas e paixões. O que mais me afetou naquele encontro de terça-feira, foi pensar a experiência a partir da paixão e não da ação. Meu desafio passa a ser reivindicar a experiência a partir da paixão, na relação que estabeleço com os estudantes diariamente. E começo isso aprendendo a escutar... a ouvir.

Respirei fundo mais uma vez, lavar a louça é cansativo, principalmente depois de um dia de trabalho. Esse respiro, no entanto, não era de cansaço, mas sim de satisfação. Tinha finalmente algo importante para escrever aos professores. É preciso ouvir os estudantes... ouvir com empatia.

Terminei de enxaguar o último garfo! Uma sensação de dever cumprido alegrou-me. Então, corro para o escritório, na pressa de escrever tudo que havia pensado e começo a redigir o texto. Assim nasceu minha primeira crônica.

Eu estava lá

Suely Galli

Na plateia, diretores, coordenadores pedagógicos: especialistas, estudantes futuros professores e pós-graduandos. Todos de alguma forma se ocupavam com assuntos ou práticas de educação. Nas conversas, painéis, palestras e debates o assunto era a formação do professor. Qual professor? O das séries iniciais: fundamental 1, exatamente os que não se encontravam. Por que? Por que estavam em sala com as crianças.

Três dias de debate sobre práticas pedagógicas e o professor necessário para elas, estava impedido de participar pelas mesmas razões que legitimavam sua presença. Era dele que deveriam vir as perguntas durante o debate. Era dele e de sua formação “precária” que falavam os trabalhos apresentados! Ele o objeto de estudo!

Na mesa, o palestrante sensibilizava a todos contando sua experiência de professor. Com a seguinte fala:

Saibam vocês que o desafio de ensinar para mim não foi diferente da maioria aqui. Mas hoje tenho algumas opiniões que na ocasião eu não tinha. Existia um sentimento que me tomava ano a ano. Bacharel em filosofia e pós-graduação em Educação, eu lecionava nos cursos de pedagogia e demais licenciaturas. Eu tinha na época quando comecei, 28 anos e os meus alunos, tinham 18 anos. Quando eu fiz 38, meus alunos tinham 18, quando eu fiz 48, eles tinham 18 anos. Com 58 anos meus alunos tinham 18 anos! Bem, melhor parar por aqui. ”

O professor com suas curiosas palavras abordava o desafio de ensinar considerando o tempo do aluno e o tempo do professor e com ele, as experiências de ambos. O aluno adentrando a universidade após o vestibular e a passagem pela escola fundamental e média, o professor munido disso e mais da pós-graduação, da pesquisa *stricto sensu*, da arguição para a banca de defesa, da elaboração e publicação da tese somadas todas, aos anos de ensino, década após década de empoderamento pelo saber e experiência!!!

Para Jorge Larrosa: A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que

nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.

O ensino e a aprendizagem como experiência de professor e aluno, carregam algum potencial de acontecimentos? Ou são coisas que se passam rotineira e repetidamente sem que quase nada aconteça? Para Larrosa, tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Organizado para que nada nos aconteça! O termo organizado vem da mesma sacola de palavras de: planejado, sistematizado, endereçado, intencionado, previsto!

O trabalho do professor, nosso palestrante para quem os anos passam enquanto seus alunos continuam chegando com 18 anos, se resume em transmitir conteúdos que informam sobre as coisas da filosofia. Assim os estudantes passam a ter mais informações sobre algo que não sabiam, muito embora, nada lhes aconteça objetivamente. E para o professor que destaca o tempo passando na janela de sua vida, enquanto recebe seus alunos com 18 anos? O que se passa com ele durante seu trabalho? Acumula experiência? O que caracteriza experiência?

Na fala do professor reside uma opinião oculta: Eu envelhecia e eles continuavam com dezoito anos! O que mais escondia esse pensamento? Que sua experiência se repetia, ano após ano? Que seu conteúdo poderia ser o mesmo, por trazer fundamentos necessários para o estudante relacionar e compreender os tempos históricos e suas mudanças. O que de certa forma justificava “o tudo igual”. Afinal, com 18 anos é preciso conhecer os princípios do pensamento da humanidade. Mas chegar com 18 anos é sempre igual? Os dezoito anos dos

sujeitos eram sempre os mesmos em cada ano, das décadas de repetidas experiências e envelhecimento do professor?

Para Larrosa a experiência: a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, para o qual exige um gesto de interrupção, quase impossível em tempos acelerados, uma vez que requer parar para pensar, olhar, escutar, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, o juízo, a vontade, o automatismo da ação, exige cultivar a paciência, calar para perceber as delicadezas do mundo a volta. Falar dos sentimentos e do que nos acontece, encontrar o outro, dar-se tempo e espaço. O que se nos parecia era que nosso palestrante trazia em sua fala, essa

Mas eles não vieram. Ficaram lá imersos nos rituais da escola...

parada, destacando aquele sentimento, dando-se conta aos sessenta e poucos anos, distanciado das salas com estudantes de 18 anos, de que algo lhe acontecia. Citando Heidegger, Larrosa destaca últimas linhas do parágrafo, “Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo”. Nosso palestrante parecia demonstrar-nos isso. Como se os dias calmos que vieram em seu outro tempo, lhe oportunizasse visitar a si mesmo nas décadas de sua vida que se postou diante de estudantes sempre com 18 anos!

O mundo produtivo, dinâmico e proativo se conforma pelo arsenal de informações voláteis em quantidade e velocidade com que surgem. Nos vemos diante de infindáveis vitrines com inúmeras caixas

cheias de informação, mas ao abri-las vemos que estão vazias de possibilidades de experiências.

Walter Benjamin já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, tantas novidades, curiosidades, mas a experiência é cada vez mais rara. Com tal pensamento podemos observar com mais calma e lucidez, o que se está passando e o que nos toca, nos acontece, nos modifica, nos torna singulares diante do burburinho de informações/opiniões que burlam a experiência.

Eu pensava agora nos professores que não participavam dessa possibilidade de parar para pensar sobre seus sentimentos. Ouvir a história do palestrante e pensar na sua. É o mínimo que os congressos causam. Mas eles não vieram. Ficaram lá imersos nos rituais da escola, exercendo seu poder sobre os pequenos, para quem sabe, ver o tempo passar mais depressa e aposentar-se.

A magia da leitura

Maria da Luz Costa Milan Veiga

“Minhas memórias – explicou Emilia – são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que devia haver...” Monteiro Lobato, Memórias de Emilia

Cada pessoa tem suas especificidades, seu tempo e sua maneira de aprender. Somos únicos, com experiências diferentes.

“Não sou o melhor aluno do mundo. Sei que algumas crianças gostam mesmo da escola, mas para ser sincero, eu não. Gosto de algumas coisas, como

educação física e informática. E do almoço e da hora do recreio. Mas, de modo geral, ficaria bem sem ir à escola. E o que mais odeio é a quantidade de dever de casa. Não basta nos sentarmos lá aula após aula, tentando ficar acordados enquanto eles encham nossa cabeça com todas aquelas coisas de que provavelmente nunca iremos precisar, como, por exemplo, calcular a área de superfície de um cubo ou saber a diferença entre as energias cinética e potencial. Tipo, quem se importa? Eu nunca, nunca ouvi meus pais pronunciarem a palavra “cinética” em toda a minha vida! Ciências é a matéria que mais odeio. Temos tanto trabalho e nem ao menos é divertido! E a Sra. Rubin é super severa com relação a tudo – até o modo como escrevemos o cabeçalho! Uma vez perdi dois pontos num trabalho porque não pus a data no topo da folha. Que maluquice!” (Jack Will – personagem do livro “Extraordinário”, de R.J.Palácio – Intrínseca, 2013 – numa escola privada em Nova York)

O relato desse aluno suscita várias questões: para que serve a escola? Por que ir à escola? o que se aprende na escola?

Quando fazemos essas e outras perguntas, ouvimos que a escola serve pra aprender a ler e escrever, aprender a “norma culta”, entre outras coisas.

Olhar para o passado ajuda a questionar nosso presente, rumo a um futuro melhor. O pátio do Grupo Escolar Portugal apinhado de alunos para o primeiro dia de aula: meu primeiro dia de aula - da vida - no 1º ano, pois não fizera pré escola; de saia pregueada azul marinho e blusa branca; na pasta um caderno de brochura, dois lápis pretos

apontados e uma borracha branca. Ao toque da campainha, cessou a algazarra, abandonei a mão de minha mãe e procurei o lugar exato da fila onde os alunos de dona Kitty se perfilavam: meninos de um lado e meninas de outro, por ordem de tamanho. Ler e escrever eram chaves que a professora trazia na mão! Fiquei encantada ao descobrir, como narra Frei Beto em sua “Biografia Escolar” “que apenas cinco letras – as vogais – correspondem a sons que produzimos com a voz, e as demais, desacompanhadas de vogais são como lâmpadas sem eletricidade”.

Ao refletir sobre a alfabetização hoje e a função social da escola, penso que o domínio da modalidade escrita da língua tem sido o objetivo do ensino da língua

E muitas crianças aprendiam a ler, apesar do método !!!

materna; impõe-se à escola a responsabilidade pela formação do gosto pela leitura.

Só se aprende a ler, lendo; só se aprende a interpretar, analisar, sintetizar e apreciar uma obra literária quando se tem a mesma em mãos; é uma experiência individual, intransferível, conforme nos diz Jorge Larossa: “*experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca...*”. *A informação não é experiência, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência*”.

Daí a necessidade de se propiciar a todas crianças a possibilidade de vivenciar a experiência de leitura de diferentes

linguagens, em especial a leitura de mundo como nos dizia Paulo Freire.

A língua não é só o fundamento de saberes outros, enquanto instrumento de registro e comunicação das ciências e das matemáticas, mas o é também quando permite, pela leitura e escrita, pela fala e pela escuta, a descoberta do outro e de si mesmo.

Qual é a compreensão que temos do trabalho do professor? Como é entendida a prática docente e o que é fundamental para o seu trabalho, com relação à metodologia da alfabetização?

A questão da alfabetização insere-se num contexto maior. Aos chamados professores “alfabetizadores” está reservado um papel fundamental: contribuir para que todas crianças possam, através da aprendizagem da língua escrita, permanecer na escola, para ter acesso ao conhecimento das ciências da natureza e do homem e assim entender-se no processo social e de transformação da sociedade.

Na década de 70 e 80, a ideia de como o sujeito adquire o conhecimento, levava à discussão metodológica sobre *como se ensina* e não *como se aprende*. Não existia a criança que tenta compreender o mundo que a rodeia, que formula teorias experimentais acerca desse mundo, uma criança para quem praticamente nada é estranho. Não havia o enfoque pedagógico, tudo era pensado a partir da ação do professor.

A escola tinha por objetivo transformar a tarefa de ler em uma tarefa de decodificação de letras em sons e a tarefa de escrever na tarefa inversa, de codificar os sons da fala em letras. Havia uma visão instrumental segundo a qual a escrita é uma técnica de transcrição de sons em formas gráficas e vice versa, de

conversão de formas gráficas em sons; e tudo parecia muito simples: associar cada letra a um som e através de uma operação mágica, esses objetos individuais iam se sintetizando e dando lugar a formas sonoras que constituíam as palavras que entendemos. Nessa perspectiva técnico – instrumental só havia a necessidade de memorizar e reter. As discussões nas escolas e salas de planejamento eram sobre os métodos de alfabetização: silábico, alfabético, global? Qual cartilha favorecia a aprendizagem de determinados alunos? Alunos com dificuldades de alfabetização podiam ser ensinados com a cartilha **A pata nada**. Que experiência maçante: trabalhar todas as letras do alfabeto com a vogal A, reconhece-las no texto, formar palavras e até frases só com a vogal A; depois acrescentar a vogal “E” e assim por diante, até utilizar as cinco vogais. E muitas crianças aprendiam a ler, apesar do método !!! Não se cogitava pensar que na mesma sala de aula há crianças que entendem a escrita de certa maneira e outras de maneira completamente diferente, e que portanto o discurso do professor será

assimilado, entendido de diferentes modos. As respostas das crianças serão diferentes, conforme o conhecimento prévio que tenham sobre a escrita. O problema é que não se supunha que as crianças soubessem algo de relevante sobre a leitura e escrita, antes de entrar na escola.

A chamada prontidão para a alfabetização pressupunha que a criança tivesse desenvolvido algumas funções psiconeurológicas importantes, tais como: percepção visual; coordenação motora e viso motora; discriminação auditiva; orientação espacial; esquema corporal; organização, orientação e sequência temporal. Cabe ressaltar ainda que se acreditava que para aquisição da leitura e escrita era imprescindível também que a criança tivesse desenvolvido duas operações cognitivas importantes: a análise e a síntese.

Com advento das ideias de Emília Ferrero em sua obra “*Psicogênese da língua escrita*”, a discussão sobre a alfabetização, que era centrada na avaliação do método de ensino, deslocou a questão central da alfabetização do ensino para a aprendizagem: não mais

como se deve ensinar, e sim como de fato o aluno aprende. Traz a ideia de que a didática deve ser adaptada ao percurso do aprendiz, deve dialogar com a aprendizagem dos alunos; que reconheça o conhecimento que eles já possuem, que faça a ponte entre esse conhecimento e o que precisa ser ensinado, garantindo o direito de aprender.

Vamos problematizar o Ensinar e Aprender, pois “*ensinar e aprender não se diz de uma única maneira, nem postulamos uma teoria geral do ensino e aprendizagem*”. (Ranciere in Kohan 2003).

O que significa aprender? Quem ensina e quem aprende?

Segundo Kohan, *quem ensina afirma um gesto. Pode ser que quem aprende o percebe, aceite o convite e, eventualmente, o recria* (Kohan 2009).

Para Kohan ainda, “*aprendemos sempre com alguém, mas nunca de alguém e aprendemos quando podemos outorgar sentido e significado àquilo que chama, aquilo que comove o pensamento, que pode ser involuntário, que não podemos controlar*”.

Cá entre Nós

Entre em contato:
caentrenosleped.blogspot.com.br

Direção editorial: Maria Teresa Eglér Mantoan

Produção: Vanessa Alves

Direção de arte: Gustavo Tomazi

Foto capa: Projeto “As diferenças Contam”.

Apoio:

Laboratório de Estudos
e Pesquisas em Ensino
e Diferença.



LEPED

Entrevista

Profa. Dirce Zan - Diretora da Faculdade da Educação da Unicamp



O que você considera importante na educação e, na realidade, acontece?

A educação se dá na relação entre sujeitos. Portanto, é o encontro entre pessoas, entre histórias e experiências diversas uma das maiores riquezas do processo educacional. Esse encontro se dá nos diferentes espaços educativos. Na escola, uma das instituições educativas de nossa sociedade, ele também se dá de diversas formas e em diferentes

lugares. Seja na sala de aula, seja nos espaços de sociabilidade entre crianças, jovens e adultos, seja nos espaços da gestão. Essa possibilidade de troca de experiências e de saberes é uma das potências da escola. Por isso mesmo nos causa tanta preocupação quando se tenta cercear essa possibilidade, quando se passa a defender a imposição de um pensamento único, o alinhamento da proposta educacional da escola aos princípios e valores de determinados grupos religiosos, como é o caso da proposição do Projeto Escola Sem Partido. Contrariamente ao que pode nos levar a acreditar, esse projeto apresenta uma proposta comprometida com uma determinada posição educacional e com determinados grupos sociais. Sob o falso argumento de ser a escola uma instituição dogmática que visa difundir “a ideologia de gênero” (sic!), grupos reacionários de nossa sociedade tentam impedir que a educação escolar permaneça se dando na inter-relação entre diferentes sujeitos e saberes, respeitando a diversidade e a pluralidade de nossa sociedade.

2- O que você considera importante na educação e, na realidade, não acontece?

A valorização dos profissionais da educação básica. Gostaria de ver de fato se efetivando a garantia de dignidade profissional e as reais condições de trabalho que viabilizem a permanência desses profissionais no exercício de seu trabalho com qualidade e excelência. A condição do professor da educação básica - tanto salarial, como em termos de jornada de trabalho e reconhecimento social - tem comprometido a permanência dos profissionais na área da educação. O discurso de que precisamos de bons profissionais na educação não coaduna com as políticas públicas para a educação, para a formação de professores e nem com as condições de carreira e de salário que se apresentam. Em pesquisa recente, pude constatar que os jovens professores que hoje atuam na educação básica desejam permanecer na profissão, mas não atuando na escola. Vislumbram na docência no ensino superior a possibilidade do reconhecimento que buscam e das condições mais dignas para o exercício da profissão. Essa tendência se modifica para aqueles que estão em melhores condições de trabalho,

que tem contratos formais, que contam com o apoio pedagógico nas escolas e que possuem uma jornada semanal de trabalho condizente com as necessidades de uma docência de qualidade. Para esses, ficar na escola é um projeto de futuro que se apresenta fortemente.

3-O que você não considera importante na educação e, na realidade, acontece?

Sinto que cada vez mais há uma interferência direta na rotina da escola, colocando em risco esse como um espaço educativo. Talvez uma das dificuldades, decorrente do que salientei nas outras duas questões, seja a forte interferência de pessoas sem acúmulo de discussão sobre o tema da educação que passam a ditar políticas ou ideias sobre como deve ser o processo educacional. A opinião de outros que desconhecem o trabalho cotidiano no interior das escolas, tem comprometido muitos dos projetos inovadores que surgem da iniciativa de grupos de educadores e estudantes.

Para além dessas interferências, existe também uma postura de controle excessivo do Estado que não tem contribuído para a melhoria educacional. As constantes propostas de alteração curricular que colocam em risco projetos interessantes que têm sido desenvolvidos em escolas públicas desde a educação infantil ao ensino médio. Essas alterações curriculares para nada tem contribuído a não ser para a tentativa de padronização de exames que visam classificar as escolas considerando determinados índices de qualidade pré-estabelecidos. O currículo tem se transformado no grande fetiche educacional! Gastamos tempo demais em promover reformas curriculares que pouco impactam a realidade concreta das escolas e mais do que isso, que interferem em projetos pedagógicos comprometidos com a realidade da instituição e com a comunidade atendida. Os currículos precisam ser menos engessados e abrirem a possibilidade para que haja espaço para os estudos de temas e questões pertinentes às necessidades locais. Retornando a Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido, entendo que se faz importante que o currículo responda a questões do grupo, que se formulem organizações curriculares em torno de temas geradores significativos. A prática investigativa, a busca pela resposta a problemas levantados a partir da realidade concreta, é uma das mais motivadoras ações pedagógicas que poderá colaborar para a real aprendizagem.

O que você não considera importante na educação e, na realidade, não acontece?

A efetivação de soluções mágicas e universais para o processo educacional. A ideia de que exista um método único, um método universal capaz de ensinar a todos e em qualquer lugar. O processo educacional se dá de forma relacional e considerando contextos históricos e culturais distintos. Investimento de tempo e recursos na busca de construir métodos com validade universal são desperdício, afinal, é na realidade concreta que o processo educativo se efetiva.